

## Editorial

MUNICÍPIOS  
ASFIXIADOS

Sem dinheiro até para pequenas intervenções em seus municípios, os prefeitos encontrarão sérias dificuldades para pagar o salário mínimo de R\$ 865,50 previsto na proposta orçamentária de 2016 em tramitação no Congresso Nacional.

Ninguém, em sã consciência, é contra a política de distribuição de renda que o governo implementou nos últimos anos, ao reajustar o piso com ganho real acima da inflação.

Trata-se de medida que faz justiça a milhões de trabalhadores e que serviu para impulsionar a cadeia de consumo de produtos e serviços antes restritos a camadas bem-aquinhoadas da população.

Porém, o novo mínimo vai causar um impacto de R\$ 2,2 bilhões nas já deficitárias contas das prefeituras, diz a Confederação Nacional dos Municípios (CNM). O impacto deverá ser maior para prefeituras menores, que têm grande número de funcionários na faixa de um salário mínimo e meio.

Minas é um dos Estados mais atingidos, já que possui 853 municípios, o maior número entre os entes federativos. Somados os encargos, os municípios mineiros irão desembolsar R\$ 379,4 milhões por ano.

A política de recomposição do mínimo deveria vir acompanhada de fonte de financiamento, ou seja, não dá mais para o governo continuar posando de bonzinho penalizando terceiros.

Os municípios já perderam bastante, em anos recentes, com a política de desoneração tributária de bens duráveis, e as transferências constitucionais minguaram.

O dinheiro do Fundo de Participação dos Municípios (FPM) não tem crescido na mesma proporção do reajuste do mínimo e, em muitos casos, é o principal componente do Orçamento municipal.

Para chamar a atenção da população, em agosto várias prefeituras paralisaram as atividades, mas os protestos não ecoaram como se esperava. Só um amplo pacto federativo por fim a esse contencioso que prejudica todos.

## SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli

PRESIDENTE Laura Medioli

VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito

DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL  
Alessandra SoaresGERENTE DE TECNOLOGIA  
Fábio A. SantosGERENTE INDUSTRIAL  
Guilherme ReisGERENTE ADMINISTRATIVO  
E FINANCEIRO  
Walmir PradoGERENTE DE MARKETING  
Monique ArakiGERENTE DE CIRCULAÇÃO  
Isabel SantosEDITORA EXECUTIVA  
Lúcia CastroSECRETÁRIA DE REDAÇÃO  
Michele Borges da CostaADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO  
Murilo RochaCHEFE DE REPORTAGEM  
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

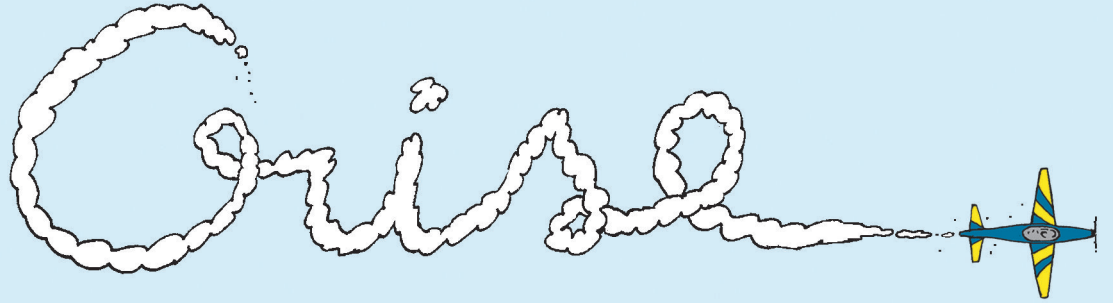
Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO

ESQUADRILHA DA FUMAÇA

Duke



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Os bilhetinhos aos pés da santa  
que protege as mulheres

A decisão do papa Francisco é um lance da disputa política

Em 1º de setembro, o papa Francisco deu permissão, durante o Ano Santo da Igreja Católica (dezembro de 2015 a novembro de 2016), para qualquer padre perdoar católicas que um dia abortaram.

Recordo que a Igreja Católica Apostólica Romana tipifica o aborto como um pecado passível de excomunhão automática, e, para obter o perdão, a mulher precisa ser ouvida pelo confessor-chefe de uma diocese – em italiano “penitenziere” – ou por um missionário cristão autorizado pelo papa, que avaliará se a perdoará ou não!

A decisão papal vigorará durante o Ano Santo da Igreja Católica e confere a qualquer padre o poder de perdão! Ainda que seja fundamentalista, o padre, após uma confissão de aborto, terá de perdoar, e não chamar a polícia! Eis a ordem papal. Não sabemos se dá pra confiar.

Muita gente viu muitas vantagens. Eu só vi uma: é a primeira vez na história do catolicismo oficial que um papa “desexcomunga” em massa e admite que as católicas também abortam entre o pecado e o crime – realidade para a qual a Santa Sé faz ouvidos de mercador em sua batalha titânica, não contra o aborto, contra a existência de leitos hospitalares para o aborto!

A decisão do papa Francisco é um lance da disputa política dele com o catolicismo popular, que em todo o mundo tem uma atitude de acolhimento fraterno e de ajuda às mulheres que precisam abortar, com suas rezas, seus patuás de santas e suas “mezinhas”... abortivas, é óbvio! Desde tempos imemoriais.

Se o papa fosse misericordioso e entendesse de psicologia feminina, teria

comunicado às católicas que conscientemente precisaram praticar desobediência religiosa e civil e abortaram, e dito: “Concedo o perdão a toda católica que fez aborto”. Sem necessidade de confissão. E ponto final! Teria feito bonito, apesar da inutilidade do gesto!

E por que ousou afirmar tal coisa? Tudo indica que não há católica que aborte sem a proteção de uma santa! Elas se valem das santas, com fé, quando vão abortar. As mexicanas têm um impresso bem popular: “Nossa Senhora de Guadalupe, obrigada pela proteção em meu aborto!”.

Tudo indica que não há católica que aborte sem a proteção de uma santa. Elas se valem das santas, com fé, quando vão abortar!

Quando eu era adolescente e estudante do Colégio Colinense, morava na Casa do Estudante (um internato da escola), em Colinas (MA). Aos sábados à tardinha, as internas eram liberadas para ajudar a ornamentar a igreja para as missas dos domingos. Era uma oportunidade de sair e ver o mundo. Fui muitas vezes e aproveitava para namorar um pouco.

Um dia, arrumando o altar, não resisti e li os “bilhetinhos” aos pés da santa. Um deles dizia “Agradeço a minha vida quando tive a ‘pérca’”. Era década de 60! Levei um tempão para descobrir que “pérca” é o nome do aborto no sertão do Maranhão, como relata a minha personagem Dona Lô em “Chegaram pra catar caju,

mas Dilma já assava as castanhas...” (13.12.2010):

“– Me diga o que a senhora fez pra essas mulheres daí acharem que o aborto é uma coisa que não é pecado nem crime?”

“– Mas quem disse que elas não acham? É que aqui, na Chapada do Arapari, as mulheres não abortam, só têm ‘pérca’ (perda natural). E ‘pérca’ não é aborto, é coisa que acontece. É natural na vida das mulheres, desde sempre... As mulheres daqui não entendem como aborto, por exemplo: tomar garrafada pras ‘regras’ descerem, logo tomar remédio pra que as ‘regras’ desçam não é pecado... Vão morrer dizendo que são contra e que nunca abortaram. Mas externam o sentimento, muito fortemente, de que uma mulher em dificuldade porque as regras estão atrasadas merece ser ajudada”.

Quem crê que deve a vida à proteção de uma santa, precisa de perdão de papa para o que mesmo?

